

AAVV (2007), *Clara Zetkin e a luta das mulheres. Uma atitude inconformada, um percurso coerente*, Lisboa, Edições Avante.

Manuel Gusmão

Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

*Clara Zetkin e a luta das mulheres. Uma atitude inconformada, um percurso coerente* é uma edição comemorativa dos 150 anos do nascimento de Clara Zetkin, preparada pela Organização das Mulheres Comunistas, publicada pelas edições Avante! e apoiada pela CIDM.

O livro publica uma série de textos desta revolucionária alemã, hoje pouco conhecida em Portugal, uma série de textos que revisitam o seu pensamento e procuram extrair e constituir o seu legado hoje apropriável. Os textos são acompanhados por um abundante aparelho de notas dos editores que os contextualizam e esclarecem as referências neles contidas e a edição completa-se com uma cronologia da vida da autora.

Clara Zetkin é alguém que exprime uma profunda unidade entre teoria e acção prática e encontra o seu contexto de compreensão não apenas na história das ideias sociais, na viragem do século XIX para o século XX, mas mais produtivamente, no processo de evolução do movimento operário internacional, nesse arco de tempo que é o contexto do desenvolvimento do marxismo após a morte de Marx e Engels.

Desde a fundação da II Internacional (1889), à sua degenerescência política, à Revolução de Outubro e à fundação da III Internacional (1919), encontramos um riquíssimo período, marcado pelos combates que vão opor os herdeiros revolucionários do pensamento marxista, entre os quais Lenine, Rosa Luxemburgo e, a própria Clara Zetkin, e os social-democratas.

Os textos seleccionados são os que mais directamente testemunham o pensamento da autora enquanto dirigente do movimento de mulheres, embora haja também textos em que vêm a primeiro plano as suas ideias sobre a escola e a educação, ou a sua atitude de oposição à guerra (de 1914-1918) e aos dirigentes social-democratas que a apoiaram.

Clara Zetkin é alguém que não se limita a repetir as fórmulas de um pensa-

mento herdado, antes é alguém que é suficientemente atenta e ágil para usar criadoramente o pensamento de Marx. Ela própria o indica:

«Com a concepção materialista da história, Marx não nos forneceu fórmulas acabadas sobre a questão feminina, ele deu-nos uma coisa melhor, um método justo, seguro, para a estudar e compreender. Só a concepção materialista da história nos permite situar, com clareza, a luta das mulheres no fluxo do desenvolvimento histórico geral, de aí ver a justificação e os limites históricos à luz das relações sociais gerais, de reconhecer as forças que a animam e a conduzem, os objectivos que persegue, as condições nas quais os problemas levantados podem encontrar solução» (p. 155).

Desde o princípio, designadamente, desde a sua intervenção no Congresso Internacional Operário de 1889, que funda a II Internacional, Clara Zetkin afirma a relação que é fundamental para o seu pensamento: «o problema da emancipação das mulheres [...] faz parte da questão social». A *questão social*, entenda-se, é a questão da emancipação social dos trabalhadores. Ao aperceber-se do carácter histórico da «moderna questão das mulheres» – «Foi só o modo de produção capitalista que, ao promover a transformação social, originou a moderna questão das mulheres, porque destruiu o antigo sistema económico familiar que, durante o período pré-capitalista, garantia à grande massa das mulheres não só a subsistência como um sentido de vida (p. 127) – e ao colocá-la como parte da questão social, Clara Zetkin, referirá insistentemente essa questão à contradição nuclear entre o Trabalho e o Capital que, nas sociedades contemporâneas, estrutura o terreno da luta de classes.

A historicidade da questão e o modo como ela é concebida como parte da «questão social» são justamente a raiz daquilo que no pensamento de Clara Zetkin se opõe a uma concepção da questão feminina como uma espécie de eterna «guerra dos sexos»; e levam-na a distinguir a diversidade das reivindicações das mulheres de acordo com as diferentes classes, a estudar atentamente a progressão do número de mulheres assalariadas nos diferentes sectores da produção agrícola, industrial e comercial, e o crescimento muito mais lento da sua sindicalização e da sua participação na acção política.

É ainda este conjunto de relações que permite a Clara Zetkin criticar aqueles que, no interior do movimento operário, começaram por ter como reivindicação a supressão do trabalho da mulher fora de casa, porque eram levados a considerar esse trabalho como concorrente com o seu próprio emprego e salário.

Clara insiste a cada vez que volta à questão: as mulheres não formam uma classe social ou um grupo socialmente homogéneo antes constituem um grupo social heterogéneo do ponto de vista de classe. É esta constatação, que se transforma num guia da análise social e a leva a distinguir as reivindicações inspiradas pela diferente situação social, que teriam no ponto de vista de classe uma distinção fundamental que estrutura uma série de outras diferenças: as mulheres burguesas seriam levadas pelos seus próprios objectivos a conceber ou a imagi-

nar as suas lutas pela igualdade na formação e acesso às várias profissões como lutas contra os homens da sua classe. Diferentemente, «a libertação social [da mulher proletária] ela não a arrancará, como a mulher burguesa, lutando com ela contra o homem da sua classe, ao contrário, ela conquistá-la-á lutando com o homem da sua classe contra a sociedade burguesa, incluindo a maioria das senhoras da burguesia» (p. 144).

Verificando que a estratificação social do mundo feminino se manifesta na própria luta pela igualdade política entre mulheres e homens e, nomeadamente, nas divergências sobre as finalidades do direito de voto e sobre o seu valor intrínseco, concluindo pela impossibilidade da luta unitária de todo o sexo feminino, a sua posição não se fecha numa posição sectária mas vai até a admissão de uma convergência, numa base de princípios de autonomia e independência.

Não podemos exigir às mulheres da burguesia que se reneguem. É por isso que as proletárias não podem contar com o seu apoio e devido aos antagonismos de classe está posto de parte que elas próprias se juntem às fileiras das feministas burguesas. O que não quer dizer que repelissem as mulheres da burguesia se estas, na luta pelo direito de voto das mulheres, se colocassem atrás, ou ao seu lado, a fim de bater em conjunto continuando a marchar separadamente. Mas as proletárias devem compreender bem que não poderão conquistar o direito de voto lutando contra os homens e ao lado das mulheres, sem distinção de classe, mas somente lutando ao lado de todos os explorados sem distinção de sexo, contra todos os exploradores, homens ou mulheres (p. 166).

Tudo tende no pensamento de Clara Zetkin para a ideia de que só na luta pela emancipação social dos trabalhadores se conseguirá a emancipação social das mulheres. Esta ideia está associada a uma outra que quase aparece como a outra face da mesma ideia. Trata-se agora de que o socialismo só vencerá com o contributo das mulheres proletárias, com a integração activa do processo de emancipação social das mulheres.

Esta unidade concreta entre a emancipação social dos trabalhadores e a emancipação das mulheres, não é apenas para a autora um desejo, ou um ideal. Essa unidade concreta é desde logo um princípio de inteligibilidade de qualquer situação concreta das mulheres, um critério de medida, pelo qual «o grau de emancipação da mulher é a medida natural do grau de emancipação geral» e um horizonte de possibilidade que ilumina as fases e passos do processo revolucionário da emancipação humana.

Clara Zetkin demonstra a inanidade dos argumentos pseudocientíficos que, no seu tempo, procuravam argumentar como inferioridade a alteridade da especificidade feminina no plano intelectual. Critica a unilateralidade das diferentes posições feministas burguesas suas contemporâneas no que diz respeito à valorização ora da especificidade feminina, ora da sua pertença geral ao humano. Clara Zetkin opõe-lhes uma dialéctica social concreta que une o humano e o

feminino: «É necessário – escreve ela – que, na mulher, o humano e o feminino possam desenvolver-se em harmonia em conjunto e paralelamente» (p. 143). Por outro lado, ela não cai no erro daquelas que critica e que é o de não reconhecerem o processo de individuação social, processo de autoformação dos indivíduos sociais, para além da estereotipização générica.